

É tempo de hoje

Francine S. C. Camargo

Não está sendo natural arrancar o corpo da cama, erguer-me com alguma fluidez. Mas alguns sons esbaforidos de alarmes sussurraram meu nome em ruído progressivo e eu não me canso de ver que as horas estão andando impacientes.

Estou nessa cama há dias, mas posso garantir que esse retiro não me concedeu ainda um grão de solidão: companhias vigilantes se abeiram em meu leito por volta de vinte e quatro horas por dia. A roupa da atualidade é composta por fios no peito, cateter no pescoço que me serve de colar, cabos saindo dos poros de minha pele e quase todos os orifícios sendo tomados, tudo por conta de um rim que desaprendeu a funcionar. Uma certeza aflita se faz presente: não tenho mais controle algum sobre quem eu sou.

O epílogo da vida me enfeita. Ora, como se todos os dias que vivi até hoje não fossem, por conta própria, carregados de incerteza, desde a chegada ao mundo!

Houve um momento em que me tranquei na rotina e tive em minhas mãos somente a força do trabalho, nada mais poderia enxergar, de modo que vi minha juventude se degradar, junto com meus sonhos.

Posso evocar ainda as ocasiões em que abri as portas da casa, que doei meus olhos, meus braços, minhas histórias e consensos a quem me chegasse: filhos, marido, amigos, netos e vizinhos. Aconcheguei-me junto a lareira e despejei um tanto de saudade e outro tanto da biblioteca que habitava minha alma, achando que o passado também me doutrinaría. Não me importei que os dias corressem, já que, naquela época, eles passavam sem me tocar.

Hoje quem se degenera são as células de meu corpo; o espírito, porém, avança intacto. Hoje posso parecer presa a um leito impoluto, mas a mente vagueia travessa, relembando todas as afrontas que não permitiram aos meus olhos se estreitarem ou a um grito emudecer-se. Eu vi demais.

E agora enxergo apetrechos demasiados em mim. Enfermeira, a carne está cansada. Doutor, tenho noventa anos e me exauri. Chamem meus filhos e expliquem a eles que não estarei nos dias que virão.

Desliguem a diálise. Porque até hoje fui feita de ontens. Chegou minha hora de escolher o hoje.

Francine S.C. Camargo é autora do blog *Papo de Fran* e da coluna *Decifrando*, na *Obvious Magazine*. Publicou seu primeiro livro em 2016 pela Editora Chiado, *Mãos Livres* e o conto *Vim perguntar o que faço de mim*, em formato e book, pela Amazon.
E-mail: francinesccamargo25@gmail.com